

CARLOS WALLENSTEIN

obras completas
⁴ *teatro*



EDIÇÕES
colibri

coleção
garajau

(Série especial)



13.07.05

Carlos Wallenstein

OBRAS COMPLETAS

4 – TEATRO

Organização de
Maria do Bom Sucesso Medeiros Franco

Introdução de
Luiz Francisco Rebello



©Maria do Bom Sucesso F. Medeiros Franco

Capa: Renata Maia Arezes / Tripledesign

Produção gráfica:

PUBLISAN - Publicidade e Serviços, Lda.

R. Pe João Rodrigues Ribeiro, 12C - 2000-184 SANTARÉM

Outubro de 2000

ISBN: 972-689-173-6

Depósito legal: 157 677/00

Todos os direitos desta edição reservados por:

EDIÇÕES SALAMANDRA, Lda.

Campo Pequeno, 50-2.º esq.

1000-081 LISBOA

Distribuição:

SODILIVROS, Lda.

Rua de Campolide, 183-B - 1070-029 LISBOA

Telefones: 213 878 902/3; Fax: 213 876 281

O Autor, as Personagens e a Justiça

Peça anti-realista em 3 Actos

"O teatro é essencialmente uma arte de Justiça".

Jean-Louis Barrault

*"Uma personagem de Teatro não é um homem, é um herói,
tanto na comédia como na tragédia;*

*Um décor de teatro não é um interior ou um exterior deste
mundo: é um lugar único, criado segundo as necessidades da
peça;*

*Um fato de teatro não é uma veste: é um adorno espiritual;
A encenação – movimento do corpo e da alma do comediante
– não é apenas a execução de passos e a exteriorização de um
sentimento: é, mais do que isso, a criação de uma dança e de
uma paixão".*

Pierre Valde

*Não há lugar nem tempo que não sejam valores estritamente
teatrais.*

*O autor absteve-se o mais possível de escrever indicações,
porque conta com a inteligência e com a imaginação dos
intérpretes, sobretudo do encenador.*

Carlos Wallenstein

PERSONAGENS

Autor – Carlos

1.^a Personagem – Paula

2.^a Personagem – Ricardo

3.^a Personagem – Alice

4.^a Personagem – Teresa

5.^a Personagem – Rodolfo

Polícia – Sansão

Poeta – Augusto

PRIMEIRO ACTO

(Depois das pancadas de Molière, o Autor entra no proscénio)

Autor – Meus Senhores: eu é que escrevi a peça que ides ver. Aqui estou, quer dizer, o Autor, vai ser personagem. Estou aqui sobre o palco qual sou na vida. Será esta uma situação teatral? V. Exas. é que decidirão. Sim, deixemos de preconceitos: se esta peça vos emocionar, se por ela alguma coisa se transformar da vossa realidade, se ela permanecer nas vossas memórias, é porque houve teatro.

E agora, a propósito, e para seguir o sábio exemplo dos antigos aprez-me suplicar à ilustre assembleia para o poema e para as personagens, um pouco de indulgência. Precisamos dela e merecemo-la, palavra de honra.

E tenho outra coisa a pedir-vos: tudo o que se passa em teatro só existe depois da convenção. O espectador precisa, para cumprir o seu dever de espectador, de uma imaginação ardente e colaborante. Imploro-vos, exijo-vos, toda a vossa imaginação, a vossa imaginação mais concludente, a vossa pletórica imaginação. – Atenção, vamos começar. – Abram o pano: *(Abre-se o pano)* Simplicíssimo, como vêem. Nenhuma porta, nenhuma janela, aquela espécie de divã, um cadeirão. O que é este *décor*? Um sítio ímpar, meus senhores, uma cena, e uma cena não tem formal e essencialmente nenhuma correspondência no mundo. É o próprio mundo e o mundo todo! Um palácio? Um bordel? Um camarim? Um *atelier*? Pode ser tudo isso, não é verdade? Pode, é

claro. Realmente, será o que lhe for exigido. Logo saberemos exactamente.

Ali, naquela espécie de divã, uma personagem, antes de ser descoberta. As personagens não se inventam, descobrem-se, existiram desde sempre num paraíso onde deambulam e que só pertence a essas personagens potenciais. O Autor sofre, pensa, sonha, toma nos braços a realidade, ergue-a na direcção do céu e quando a realidade, já transfigurada, lhe escorre pela cabeça, pelos ombros, pelo peito, a personagem começa a viver. Relâmpago! Ei-la, a personagem começa a viver, surge para a obra quando um relâmpago a ilumina. Ergue-se devagar, respira. O Autor contempla-a, aproxima-se, senta-se a seu lado. Ela sorri. Conversam para se conhecerem. Dão as mãos. Sim, a personagem só pertence ao mundo depois de pertencer ao palco. Um dia talvez a plateia se apodere dela. Então é a glória.

CENA I

1.^a Personagem – Como vais chamar-me?

Autor – Elisa.

1.^a Personagem – Elisa?

Autor – Sim...

1.^a Personagem – Não pode ser, não me serve. Tu amaste uma Elisa, não?

Autor – Tolice!

1.^a Personagem – Confessa.

Autor – Ora!

1.^a Personagem – Fala comigo. Se precisas de mim como personagem, tens de criar intimidade comigo, precisas conhecer-me. Tu amaste...

Autor – Amei. E depois? Como sabes?

1.^a Personagem – As personagens possuem o poder de se adaptarem aos conflitos: daí o seu divino poder de previsão. Então... amaste-a...

Autor – Tens ciúmes? Que ridículo! Amei-a, sim, amei-a loucamente. Gostei dela como... Sorvia o perfume que daquele corpo se exalava como quem a beija; subia a sua escada como se sobem os degraus de um templo. Nunca a entendi... Desorientava-me e nunca pude realizar a ânsia de conhecê-la. Ah! Amá-la era uma volúpia como nunca senti igual!